

O IDEÁRIO DE PATRICK GEDDES, O "PAI DO PLANEJAMENTO URBANO"

MARY CASTRO

1. INTRODUÇÃO

Por que a eleição do ideário de Patrick Geddes, um autor classificado como "pai do planejamento urbano"¹, de fins do século XIX? Em várias esferas do conhecimento e vivência humanos, vem-se afirmando uma volta ao passado, um reestudo do pensamento clássico. Althusser enfatiza a necessidade de ler Marx em Marx, apontando uma série de apreensões deformadoras que se tem do marxismo, derivadas da divulgação marxista contemporânea². De fato, no afã pragmatista de uma ciência em uso, recuperam-se teorias formuladas em um marco histórico peculiar, desprezando-se nessa recuperação as especificidades histórico-contextuais de vários componentes daquelas teorias, sem a separação do que de universal e de particular estas teriam, resultando em adaptações inadequadas.

Nesta redescoberta dos clássicos, identifica-se outro condicionante: um certo descrédito quanto à ciência. O desenvolvimento econômico, principal bastião da sociedade capitalista, estaria à beira de uma crise, e a estrutura de valores dominantes dessa sociedade é questionada, principalmente pelas novas gerações, para as quais os compromissos com a civilização, com o processo de evolução progressiva do pensamento humano seriam termos de uma filosofia humanista

¹ TYRWITT, Jaqueline. *Humanam identity in the urban environment*. Londres, Penquin Books, 1972. p.16.

² ALTHUSSER, Louis & BALIBAR, Etienne. *Para leer el capital*. México, Siglo XXI, 1970.

liberal contradita pela prática social³. Segundo Machado Neto⁴, a ciência é bastante antiga — ciência, como a define Granger, “uma forma sistematicamente organizada do pensamento” —, porém sua afirmação se dá quando do surgimento da burguesia, que a descobrirá como possível “saber de dominação” sobre a natureza, como técnica de poder. Desta forma, quando muitos declaram que a própria burguesia estaria em cheque, as críticas são estendidas a seus instrumentos.

Mas a ciência é também posta em dúvida, internamente, na ordem burguesa, quanto a técnica eficaz, quanto a poder de dominação. E é nesta dúvida, como na crença difusa de sua possível salvação, que estaria a pergunta do intelectual: e onde erramos nós? O conhecimento clássico é revisto, quer como fonte de novas fórmulas para salvação, quer como solução em si, dentro da visão nostálgica de que no passado ficou o estado ótimo, ou como auto-análise do conhecimento científico, para melhor se detectar onde o erro.

Neste último aspecto vemos a validade da retomada dos clássicos. Mas, adverte-se, embora este tenha sido o estímulo geral à eleição do tema — o ideário de Patrick Geddes⁵ —, os resultados pouco correspondem à pretensão maior de análise do pensamento urbanístico quanto à identificação de onde os erros ou quais os erros. Inclusive porque os questionamentos, em termos epistemológicos, deveriam ser mais amplos, como: e quem errou foi a ciência? e o que é erro? A segunda advertência é de que este é um trabalho acadêmico, realizado nos dias atuais.

2. MANEIRA DE PENSAR A CIDADE

2.1. PRINCÍPIOS

Patrick Geddes (1854-1932) representa para os estudos urbanos um marco, uma mudança de atitude. Suas posições viriam diferenciar dois enfoques na análise da urbs: o urbanismo e o planejamento urbano. Choay categoriza o seu pensamento como o da ‘anthropopolis’, o planejamento humanista, marcando, juntamente com alguns outros autores, uma “crítica de segundo nível ao urbanismo”⁶.

³ Não seriam, por exemplo, simples coincidência histórica a guerra do Vietnã e a propagação do movimento tipo “hippismo”.

⁴ Ver Machado Neto, A. L. — *Fundamentos Filosóficos das Ciências Humanas*, s.n.t., cit. in CASTRO, Mary — *Fundamentos Filosóficos das Ciências Humanas*. Salvador, Universidade Católica, 1969.

⁵ Segundo Giodion, é surpreendente como uma série de métodos de desenho urbanístico (*drawing board methods*) de fins do século XIX e princípios do século XX são ainda hoje seguidos literalmente, como receituários. Entre aqueles autores cujos métodos ditados seriam os mais perenes, estariam E. Howard (concepção da ‘cidade-jardim’), Sant’Elia (cuja cidade futurística contemplaria uma série de soluções atuais de trânsito), P. Geddes (a visão da cidade como contexto integrado) e Arturo Soria y Mata (concepção da cidade linear) — ver GIEDION, Siegfried, *Space, time and architecture: the growth of a New Tradition*. Cambridge, Harvard Un. Press, 1967.

⁶ CHOAY, Françoise. *L’Urbanisme utopies et réalités*. Paris, Ed. de Senil, 1965. p.58.

Haveria uma era de estudos urbanísticos pré-Geddes (inclusive ainda hoje vigente), em que a cidade seria estudada e projetada de acordo com modelos pré-estabelecidos. Modelos estes de diferentes matrizes ideológicas, construídos por premissas “progressistas” ou “culturalistas”⁷, mas que em comum teriam o processo de construção lógica do conhecimento, por abstrações racionalistas do seu idealizador, impregnado, portanto, de seus “juízos de valor” sobre o que seria a cidade ideal. Com Geddes e discípulos, principalmente Lewis Mumford, a cidade é discutida em si, em sua interação com os homens que a habitam, no seu significado para estes. Ou seja, a realidade presente, e principalmente a realidade histórica, uma vez que para Geddes o passado das cidades desempenha importante papel para sua compreensão, e é recuperado no estudo das cidades e no seu planejamento⁸.

Para Geddes, o ponto de partida do processo de intervenção sobre o meio urbano seria a pesquisa sócio-econômica, e ao estudo do presente relacionaria a pesquisa historiográfica. Desta forma, não haveria um modelo de cidade futura, mas de várias cidades, já que, a depender da especificidade histórico-geográfica, cada uma teria um modo de ser, cabendo ao planejador bem usar a intuição (por um sistema de valores próprios, acrescente-se) na sua criação.

Adverte-se que não se está afirmando que, através desta técnica de análise — a ênfase no empírico —, estar-se-ia prevenindo contra a inserção de ‘juízos de valores’ nos trabalhos científicos. Não, e os próprios princípios de Geddes, que discutiremos criticamente mais adiante, trazem valorações claras. Porém, o mérito da metodologia proposta por Geddes é que esta permite a crítica desses valores. Segundo Myrdall, “as dificuldades se tornam particularmente perturbadoras em Ciência Sociais, quando se confundem as teorias e modelos com as coisas concretas”⁹. Com o processo indutivo, de bases empíricas declaradas, de formação do conhecimento sobre a cidade, aquela confusão de que fala Myrdall pode ser percebida, e os valores ‘psicanalisados’, isto é, checados em relação com a realidade pesquisada.

Outra importante contribuição de Geddes, que ilustraria a separação da visão urbanística tradicional daquela do planejamento urbano, seria o seu entendimento

⁷ Choay classifica as distintas correntes do urbanismo em ‘progressistas’ e ‘culturalistas’, distinguindo uma etapa pré-urbanística (dominada pelos modelos dos socialistas utópicos e pelas críticas dos ‘sem modelos’, Max e Engels) e uma etapa propriamente urbanística (de soberania dos especialistas, enquanto a anterior seria matéria de ‘generalistas’, principalmente filósofos e políticos). Também caracteriza os ‘culturalistas’ por sua visão prática. Para a autora Geddes, contrariamente aos ‘progressistas’, para quem o moderno seria a ruptura com o passado, imagina a cidade numa continuidade evolutiva. Ainda segundo Choay, Geddes mais se aproximaria dos ‘culturalistas’, por sua trilha ‘antropológica descritiva’ e identificação da cidade por sua herança cultural. Mas ele não partilharia da visão nostálgica dos ‘culturalistas’, reconhecendo que presente e futuro têm identidades próprias. Sobre ‘culturalistas’ e ‘progressistas’, ver CHOAY, op. cit.

⁸ É L. Mumford quem principalmente viria a apelar para exemplos históricos, como o papel das áreas verdes nas cidades medievais — in CHOAY, op. cit. p.61.

⁹ MYRDALL, Gunnar. *O valor em teoria social*. s.n.t. cit. in CASTRO, Mary. *Valores e atividades científicas*. Salvador, Universidade Católica de Salvador, 1969. p.4.

de cidade como um "contexto global". A cidade deixaria de ser "coisa de arquiteto", de ser o conjunto de edificações, ou o aglomerado de "máquinas de habitar" para integrar, de forma orgânica, uma série de aspectos: sociológicos, geográficos, econômicos, históricos, demográficos... Institucionaliza-se, assim, o enfoque interdisciplinar e, de maneira embrionária, a participação ampliada no plano¹⁰, princípios caros a correntes atuais do planejamento urbano. Sua frase sobre o especialista ficou famosa: "knowing more and more about less and less"¹¹.

2.2. METODOLOGIA

De Frederick Le Play, sociólogo francês, apreenderá a técnica de pesquisa monográfica. Esta técnica será por ele enfatizada como forma necessária de aproximação do urbanista à realidade, quando da realização do plano¹².

Da biologia guardará a noção de funcionalidade orgânica dos elementos e sua integração. Aliás, o paralelismo entre objeto biológico e objeto social é comum no evolucionismo organicista corrente nos fins do século XIX. Em Geddes a influência dessa corrente é clara, também através do constante uso dos princípios de evolução e progresso. Para ele, a cidade seria um "organismo em evolução".

A integração funcional do sistema urbano seria representada por ele, mais tarde, através de gráficos, sendo considerado um precursor na aplicação dessa técnica para problemas não-matemáticos, o que viria a ser aperfeiçoado, mais tarde, na teoria de campo (K. Lewin) e na sociometria (J. L. Moreno)¹³.

Ficaram famosas algumas de suas técnicas — "máquinas de pensar" como os "diagramas de quadrantes". Esses diagramas seriam as primeiras matrizes elaboradas para a análise urbana. Operando primeiro com as noções de lugar, trabalho e

¹⁰ Geddes inclusive promoveu seminários de discussão sobre planos de cidades, com a participação de outros que não os seus elaboradores.

¹¹ MUMFORD, Lewis. (verbete). In: GEDDES, Patrick. *International Encyclopedia of the social science*. Londres, The Macmillan Pub., 1972. p.83.

¹² Alguns autores, como Mumford, indicam a utilização de 'surveys'... por Geddes e Le Play. É necessário certo rigorismo técnico, no caso. O 'survey' social pressupõe uma série de requisitos estatísticos. Le Play é conhecido no campo da sociologia como introdutor das técnicas de observação direta, hoje mais usadas na antropologia. Seus estudos sobre os trabalhadores europeus foram elaborados a partir de 300 monografias, cada uma relativa a uma família e com cerca de 50 páginas cada (Ver Le Play, F. — *The European Workers*, in Riley, Matilda, 1963, ps. 80 a 95). Esta observação é pertinente, face à discussão atual sobre a propriedade de cada uma destas técnicas (o 'survey' e a observação participante), inclusive, e principalmente, nos estudos sobre o fato urbano. Geddes realizou um pequeno levantamento de Edimburgo e, mais tarde (1914-1924), empregou a técnica de monografias no planejamento de cerca de 50 cidades da Índia.

¹³ MUMFORD, Lewis. (verbete). In: GEDDES, Patrick. *Enciclopedia of Urban Planning*. N. York, McGraw Hill Book Co., 1974. p.443.

peças, tidas em Le Play como "três forças dominantes da sociedade", estabelece, por análise combinatória, uma série de situações que configurariam uma maneira de ser da cidade¹⁴.

Com esses elementos forma-se, assim, uma primeira matriz, e desta são derivadas uma segunda e uma terceira, que constituiriam instrumentos para a maneira de pensar a cidade. Por fim, ter-se-ia, derivada das antecedentes, uma quarta matriz, que se identifica como a maneira de intervir na cidade — o plano. O conjunto dessas quatro matrizes seria uma de suas principais "máquinas de pensar" o urbano. (No anexo 2, esquematiza-se este conjunto de matrizes).

Geddes introduz no estudo das cidades uma série de neologismos, dos quais o de mais longa vigência é *conurbação*. Originalmente, significava o agrupamento de cidades de cerca de 10 a 20 milhões de pessoas, resultante do espraiamento de um núcleo. Hoje existem várias acepções particulares, inclusive não-concordantes sobre o termo.

3. ANALISE CRÍTICA

É indiscutível ser a contribuição de Geddes fundamental na formação do conhecimento relativo ao planejamento urbano, mas o substrato ideológico de seus escritos deixa alguns flancos à crítica. A crítica às suas "máquinas de pensar" e, em particular, aos diagramas de quadrantes antes apresentados é menos quanto ao estabelecimento de cada uma das categorias que o integram e a armação em si do que ao seu pretendido alcance. Segundo Tyrwhitt¹⁵, para Geddes aquelas "máquinas de pensar" seriam um "expressivo instrumento para exprimir a evolução das cidades". O autor procederia, assim, a uma retificação conceitual, confundindo o constituinte (no caso, a técnica) com o constituído, mais abrangente (a ciência) e, mais, conferindo vida a uma técnica.

Tal crítica ao trabalho de Geddes é compartilhada por Choay, ressaltando que, apesar da validade da metodologia de Geddes, a utilização da pesquisa sócio-econômica, por exemplo, não garantirá "as soluções". Como instrumento de análise pode ter, inclusive, diversos usos, e derivar em diversas conclusões, a depender das correntes que o utilizem¹⁶.

¹⁴ Adverte-se que tanto o significado de cada uma das combinações feitas com os elementos da primeira matriz, por exemplo, lugar/trabalho,..., como a interação entre cada uma das matrizes não são bem percebidos através da fonte consultada, que apresenta esses diagramas de forma sumária — ver TYRWHITT, op. cit.

¹⁵ TYRWHITT, op. cit. p.19.

Segundo esta autora, já Le Corbusier, que mais tarde também se utilizará de matrizes e quadros em seus estudos (inclusive com alguns elementos que lembram aqueles de Geddes — "recreação, trabalho, vida e transporte", seria mais realista, considerando este instrumental apenas "ferramenta de clarificação".

¹⁶ CHOAY, op. cit.

Outra crítica ao diagrama de Geddes é feita por Tyrwhitt, que o estende também ao quadro de Le Corbusier ('the C.I.A.M. grid'). Para essa autora, uma limitação inerente a essa técnica seria a de que sua aplicação se limitaria a casos particulares, localizados, não permitindo a 'análise dinâmica' ou 'entre elementos'¹⁷.

Enquanto Choay ressalta a preocupação de Geddes por uma 'temporalidade concreta' alguns autores, como Anne Buttimer¹⁸ e Fernando Ramón¹⁹, o classificam como 'utopista' isto é, preso ao plano das idéias.

Buttimer, em suas referências a Geddes, deixa implícito um questionamento: a 'sociologicidade' de seus escritos. Para ela, Geddes reduz a sociologia a um de seus instrumentos, a pesquisa direta, aproveitando-a, portanto, em escala mínima: "The sociological interests of town planners were, however, inspired largely by Geddes, Le Play and Howard. P. Geddes definition of sociology, which placed great emphasis on empirical investigation of social patterns, provided the conceptual framework for their own 'survey' of towns and regions; they evidenced little awareness or interest in any other potential contribution which sociological techniques could make to their works"²⁰.

É importante considerar que, como Geddes, também Le Play, quando utilizou seu método de observação para estudar as condições de vida dos trabalhadores europeus, em 1879, o considera, de acordo com sua visão socialista-humanista, por uma perspectiva transformadora, além de seus limites de técnica auxiliar²¹.

Relativiza-se, assim, a crítica de Buttimer a Geddes: este não haveria utilizado apenas um instrumental da sociologia, minimizando, assim, outras possíveis contribuições dessa ciência, mas se teria alinhado de acordo com o que certas correntes dominantes entendiam por sociologia.

Já Ramón levanta outro tipo de crítica à ideologia urbanística de Geddes: sua apologia da técnica, como forma de "solução dos conflitos sociais". Esta personificação de conceitos, encontrada em Geddes, é também característica do pensamento positivista, cuja influência é grande nesse autor. A visão do poder da técnica, da evolução social (a constituição da ordem "neo-técnica") pode ser visualizada através de seus escritos, como o que segue: "Baje el orden paleotécnico, el trabajador dirigido como está igual que todos nosotros, por su educación tradicional hacia el salario monetário, en lugar de hacia el presupuesto vital(?) no

¹⁷ TYRWHITT, op. cit.

¹⁸ BUTTIMER, Anne. *Sociology and Planning*. s.n.t. xerox.

¹⁹ RAMÓN, Fernando. *La ideologia urbanística*. Madrid, Ed. Ciencia Nueva, 1967.

²⁰ BUTTIMER, Anne, op. cit. p.149.

²¹ "The method of observation of the European Workers has carefully traced the paths leading to reform, and hence with those devoted to the truth will not be led astray..." - Le Play. Frederick - The European Workers, cit. in RILEY, Matilda White. *Sociological research, a case approach*. New York, Harcourt Brace/World Inc, 1963. p.81.

ha tenido aun una casa adecuada... Pero cuando el orden neotecnico llegue, dirigidas sus capacidades en la vida como en todas las autenticas ciudades del pasado, aristo-democratizadas, en ciudadanos productivos, él, el trabajador, se pondrá a construir su vivienda y a planear la ciudad...todo ella a una escala semejante, si no superior a las glorias pasadas de la historia..."²².

Também em seus escritos não se percebe a dimensão de classe social (tão clara em outros escritores do seu tempo) e as coisas, no lugar dos homens, parecem fazer a história. Em um trecho fala na 'psicologia social da cidade', na 'filosofia da cidade', em outro "...los lujos desafortados y superfluos pueden incluso ser necesarios, psicologicamente por la situacion a que la vida paleotécnica nos tiene sometidos"²³. Ou seja, não são os homens, certos grupos sociais que criam uma situação, mas a "vida paleotécnica". Em que pesem essas críticas, volta-se a ressaltar a importância da perspectiva histórica na compreensão do pensamento de Geddes. Ramón o justifica, como socialista utópico, crente de que valores universais seriam mais fortes que a contradição dos interesses dos grupos sociais, possibilitando a chegada de um estado ideal, mas não poupa seus discípulos, como Mumford, que, para ele, utilizaria os conceitos criados por Geddes e criaria outros tantos neologismos de uma forma abstrata²⁴.

O tipo de visão de mundo implícita em Geddes traz nitidamente rastros da ciência nascente, a sociologia, como o deslumbramento dos intelectuais de sua época pelas promessas da nova ordem - a burguesia industrial.

Geddes foi aluno de T. Huxley, um dos diletos amigos de Augusto Comte. Como Comte, postula uma "lei do progresso"; na metodologia de Geddes é corrente o uso de taxinomias que lembram a prática positivista de "concretização do conhecimento". E do positivismo a ênfase na análise, no empiricismo²⁵, e como Comte e Le Play, advoga a noção de 'reforma', embora não a explicita.

O nascimento da sociologia como ciência relaciona-se com os objetivos de pôr ordem nas coisas. Diz Machado Neto: a sociologia "nascida do mundo da Revolução

²² GEDDES, Patrick. *Evolucion de las ciudades*. s.n.t. cit. in RAMÓN, Fernando. *La ideologia urbanística*. Madrid, Ed. Ciencia Nueva, 1967. p.63.

²³ GEDDES, Patrick, op. cit., in RAMÓN, Fernando, op. cit. p.69.

²⁴ "Geddes sabia muy bien lo que se decia, lo que pasa es que, socialista convencido, trataba al mismo tiempo de convencer se a si mismo de que al socialismo (a su orden neotecnico) se poderia llegar por el convencimiento universal, de que los nuevos recursos descubiertos por la tecnica no serian otra vez despilfarrados a beneficio particular de los poderosos. Era um conformista". RAMÓN, Fernando, op. cit. p.64.

²⁵ "The name positivism derives from the emphasis on the positive sciences, that is on tested and systematized experience rather than on undisciplined speculation". KAPLAN, Abraham. "Positivism" (verbete). In: GEDDES, Patrick. *INTERNATIONAL Encyclopedia of the Social Sciences*. Londres, The Macmillan Pub. 1972. p.389.

Industrial e para resolver problema específicos da prática deste mundo em crise, não se conformaria em ser apenas teoria²⁶, e a ciência é convertida em técnica de ordenação do mundo.

Nesta perspectiva é que bem se avalia a contribuição de Geddes, representativa de avanço significativo, face ao estágio vigente de compreensão da cidade, e por seu postulado de aproximação do planejador da coisa planejada, com as limitações próprias das correntes que o influenciaram.

4. OBRAS CONSULTADAS

1. BUTTIMER, Anne. *Sociology and planning*. s.n.t. xerox.
2. CASTRO, Mary. *Valores e atividades científicas*. Salvador, Universidade Católica de Salvador, 1969. mimeog.
3. CASTRO, Pedro. *Sociologia e planejamento*. Rio de Janeiro, COPPE/UFRJ, 1973. xerox.
4. CHOAY, Françoise. *L'Urbanisme, utopies et réalités*. Paris, Ed. de Senil, 1965.
5. ENGELS, Frederick. *The conditions of the working class in England, 1844*. Londres, George Adlenand Unwin Ltd., 1952.
6. GIEDION, Siegfried. *Space, time and architecture the growth of a new tradition*. Cambridge, Harward Un. Press, 1967.
7. KAPLAN, Abraham, "Positivism" (verbete). In: GEDDES, Patrick. *International Encyclopedia of the Social Sciences*. Londres, The Macmillan Pub., 1972.
8. MUMFOR, Lewis (verbete). In: GEDDES, Patrick. *Encyclopedia of urban planning*. New York, Mcbraw Hill Book Co., 1974.
9. _____ (verbete). In: _____. *International Encyclopedia of the Social Science*. Londres, The Macmillan Pub., 1972.
10. RAMÓN, Fernando. *La ideologia urbanística*. Madrid, Ed. Ciencia Nueva, 1967.
11. RILEY, Matilda White. *Sociological research, a case approach*. New York, Harcont Brace/World. Inc., 1963.
12. TYRWHITT, Jaqueline & BELL, Gwen Ed. *Human identity in the urban environment*. Londres, Penquim Books, 1972.

²⁶ MACHADO NETO, A. L. *Fundamentos Filosóficos das Ciências Humanas*, cit. in CASTRO, Mary op. cit. p.1.

ANEXO 1

1. DADOS BIOGRAFICOS

PATRICK GEDDES nasceu na Escócia (1854-1932). Seus estudos básicos são em Biologia, sendo que, de forma autodidata, apreende uma postura sociológica, em particular as técnicas de Frederick Le Play — a monografia social, que aplica no campo do Planejamento urbano¹.

LEWIS MUMFORD, considerado um de seus principais discípulos, ressalta suas qualidades como professor, considerando que suas publicações não refletem bem a importância de seu pensamento, melhor transmitido oralmente. De seus trabalhos, o mais conhecido é "Cities in Evolution" (1915).

A bibliografia consultada sobre Geddes se estende, basicamente, sobre sua contribuição metodológica ao planejamento urbano, e apenas em Mumford² têm-se referências sobre suas realizações empíricas e participação profissional. Destacam-se:

1. Ao nível acadêmico:

- seu pioneirismo na Organização do conhecimento sobre a cidade, através de "seminários de verão", de natureza interdisciplinar, para discussão de temas relacionados com o planejamento urbano;
- Professor de Botânica até 1919, conferencista em Sociologia, professor de Urbanismo 'Civics' e Sociologia em Bombaim (1919-1924);
- defensor da 'Universidade Militante' é considerado pioneiro na defesa do engajamento da Universidade em atividades aplicadas na área do planejamento urbano e regional, propugnando a criação do que seriam, hoje, centros de estudos e pesquisas urbanas, inclusive organizando um laboratório de estudos "Outlook Tower". Hoje um museu e centro de leituras;
- com Victor Branford fundou a Sociedade Sociológica de Londres (1903).

¹ Fora do planejamento urbano, escreveu vários trabalhos, como sobre sexologia — The evolution of sex — e na área da sociologia, Civics, as Applied Sociology.

² MUMFORD, Lewis, 1974.

2. Em termos de ciência aplicada:

- trabalhos de renovação urbana (favelas), obras de paisagismo urbano (praças, parques etc), projetos de hospedarias para estudantes; o projeto do Jardim Zoológico de Edimburgo, relatórios e planos relativos a cidades na Índia e em Tel-Aviv e para a Universidade de Jerusalém; plano de "Reabilitação Social e da Agricultura" de Chipre etc.

3. Vida Editorial:

- elaboração, em conjunto com Victor Branford, da coletânea de trabalhos sobre planejamento "Making of the Future", fonte de uma série de idéias vigentes no período posterior à primeira guerra...

Dentro do planejamento urbano contemporâneo, são indicados como influenciados por suas idéias: Unwain e Abercrombie (Inglaterra), Stern, Wright e Mac Kaye (EE.UU.) além de Lewis Mumford (EE.UU.). os trabalhos relativos ao Land Utilization Survey (Inglaterra) e de planejamento regional do Tennessee Valley Authority trariam princípios de Geddes, segundo Mumford.

ANEXO 2

UMA MÁQUINA DE PENSAR A CIDADE

<p>a) A CIDADE COMO EXISTÊNCIA (O OBJETO DE PESQUISA)</p> <p><i>matriz 1</i></p> <p>Atos</p> <ul style="list-style-type: none"> - lugar - trabalho - pessoas 	<p>b) A CIDADE COMO VALOR (INSTRUMENTAL DE INTERPRE- TAR A CIDADE)</p> <p><i>matriz 2</i></p> <p>Fatos</p> <ul style="list-style-type: none"> - o sentido - experiência - sensibilidade 	<p>c) A CIDADE COMO PLANO (O OBJETO DE AÇÃO)</p> <p><i>matriz 3</i></p> <p>Sonhos</p> <ul style="list-style-type: none"> - fantasia - ideificação - emoção 	<p><i>matriz 4</i></p> <p>Feitos</p> <ul style="list-style-type: none"> - realizações - 'synergy'(?) - 'ethnopolity'(?)
---	--	---	---

Fonte: GEDDES, Patrick, cit. in TYRWHITT, Jaqueline, 1972.
(as letras em maiúsculo correspondem a uma classificação nossa).